

Caminhos para a formação do leitor¹

Tiago Eloy Zaidan

Como bem pontua a professora e ensaísta Nelly Novaes Coelho, na apresentação da obra *Caminhos para a formação do leitor*, “muito se tem escrito, muito se tem discutido acerca das mil e uma teorias, análises e metodologias que vêm sendo propostas nas áreas limítrofes da pedagogia, educação e ensino” (COELHO, 2004, p. 9). É justamente neste contexto, em que pululam novas abordagens – nem todas dotadas de perenidade – sem se deixar de constatar problemas anacrônicos na educação escolar, que a coletânea de oito artigos se apresenta.

Não se trata de mais um tomo com teorias inovadoras para a educação. Na verdade, tais promessas chegam a ser vistas com certo ceticismo em alguns artigos que integram a obra. Esta se propõe a refletir e discutir questões e problemas relativos ao ambiente educacional, principalmente àqueles relacionados à formação de leitores, com forte viés para o recorte infantil e juvenil.

A organizadora da antologia, a professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Renata Junqueira de Souza, é mestra em Linguística e doutora em Letras. Possui ainda três pós-doutorados, sempre nos campos da educação e da literatura infantil.

O primeiro artigo da antologia, *Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura*, é fruto de uma palestra proferida por Marisa Lajolo, por ocasião do encerramento da 3ª Semana de Estudos Literários, na Universidade Federal de Pernambuco em outubro de 2001 (LAJOLO, 2004, p. 12). Marisa é professora de Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Em seu artigo, a autora parte de trechos de escritos de Drummond (1902-1987) os quais desvelam reminiscências de aventuras literárias do então jovem de Itabira, interior de Minas Gerais. Tratam-se das poesias *Fim*, publicada no livro *Boitempo*, de 1968, e *Infância*, inserta no livro *Alguma Poesia*, de 1930, além da crônica *O mistério das palavras*, de 1980. Em comum, nas duas poesias, estão as citações saudosas à leitura da obra *The life and strange surprising*

¹ SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. 120 p.

adventures of Robinson Crusoe, ou simplesmente, *Robinson Crusoe*, do britânico Daniel Defoe (1660-1731). O que se pode depreender do conjunto dos textos analisados é que o jovem Drummond era, por volta de 1910, leitor do semanário infantil *O Tico-tico*, o qual, fundado em 1905, circulou até 1962. (LAJOLO, 2004, p. 21).

Teria sido neste periódico que o poeta teve contato com a estória de Defoe, provavelmente através de uma adaptação (LAJOLO, 2004, p. 21). Lajolo confirmou a assertiva por meio de uma consulta à coleção do bibliófilo José Mindlin (1914-2010), o qual possuía em seu acervo as edições da revista *O Tico-tico*. A conclusão a que chegou a pesquisadora é que, de fato, a revista infantil publicou, de forma seriada, de 23 de novembro de 1910 a 22 de março de 1911, a estória do naufrágio de Crusoe. (LAJOLO, 2004, p. 22).

O artigo seguinte, *Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente*, é de Ezequiel Theodoro da Silva, mestre em Educação e doutor em Psicologia da Educação, além de cofundador e presidente de honra da Associação de Leitura do Brasil. O autor defende, no contexto da educação, a substituição do paradigma ensino-aprendizagem pelo trinômio aprendizagem-ensino-aprendizagem, até pelo fato de que, o professor, para ensinar, precisa, antes, aprender (por isso a aprendizagem antes do ensino) (SILVA, 2004, p. 26).

Para Theodoro da Silva, a situação da educação não é confortável. Parcela significativa de professores, em níveis diversos, da educação infantil ao ensino superior, erra ao “[...] se meter a ensinar aquilo que não sabe; ou pior, deixar que os livros didáticos, os manuais, os vídeos, os programas ou *softwares* de computador ensinem em seu lugar [...]” (SILVA, 2004, p. 26). O uso excessivo do que chama de “muletas” pelos professores, os despoja da autonomia necessária, tornando-os meros “repetidores de coisas prontas”, ou pior, ainda nas palavras do autor: “pseudoprofessores” (p. 26).

Além dos livros didáticos, também seriam exemplos de muletas os guias curriculares, as lições prontas e acabadas, os horários rígidos e as rotinas além dos modismos no campo da educação (p. 31). Especialmente esses últimos, são, em muitas das vezes, nas enfáticas palavras do autor, “lixo teórico, acadêmico, pedagógico”, por vezes desconstruído e sem um pé na realidade, embora bastante idealista. (p. 32).

Os docentes deveriam, antes,

[...] saber organizar seus programas didáticos com autonomia e fundamentação política e pedagógica adequada, a partir de leituras e sínteses pessoais, de modo que aquele compromisso com a construção do conhecimento por parte dos seus alunos se realizasse por meio de diálogos e interações mais autênticas, menos postizas ou artificiais (SILVA, 2004, p. 26).

O terceiro artigo é assinado por Ricardo Azevedo, prolífico escritor e ilustrador de livros infanto-juvenis e mestre em Letras e doutor em Teoria Literária. Trata-se do texto *Formação de leitores e razões para a literatura*. Azevedo coloca na berlinda os adultos, sobremaneira os pais e os professores que idealizam a prática da leitura, chegando, não raro, a atribuir a ela dotes mágicos, em um discurso que é consonante com o politicamente correto. Não seria problemático se não fosse o fato de que, muitas vezes, esses mesmos adultos não são leitores ou, sequer, na prática, se interessam pelos livros. São, portanto, adeptos do discurso do “faça o que eu digo; não faça o que eu faço”. Conclusão: a combinação de pseudosleitores com a idealização da leitura não é produtora para a formação de novos leitores. (AZEVEDO, 2004, p. 38).

Azevedo faz, ainda, uma ode à ficção em contraposição aos livros didáticos-informativos, presentes no sistema escolar. Enquanto esses tendem “[...] a apresentar um mundo simétrico, lógico, equilibrado, coerente e unívoco” (p. 43), a literatura – o que para o autor pressupõe a ficção (p. 40) – aborda o contraditório (p. 44), de modo prazeroso e lúdico (p. 40).

[...] a literatura, em vez de trabalhar com personagens idealizadas, previsíveis e abstratas – além de ‘politicamente corretas’ – típicas dos livros pedagógicos, pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mas complexos e paradoxais, mergulhados num constante processo de modificação e empenhados na construção de um significado para suas vidas. É da maior importância, acredito, que leitores, sejam eles crianças ou não, tenham acesso a personagens assim (p. 44).

Todavia, apesar de apontar as limitações inerentes aos chamados didáticos-informativos, especialmente no tocante a contribuição para formação de leitores, Azevedo admite a função desses como instrumentos pedagógicos e na divulgação de informações (AZEVEDO, 2004, p. 45). Por fim, o autor é terminantemente crítico com relação ao hábito de se indicar nas capas dos livros de literatura a idade do leitor para o qual o texto é supostamente indicado, o que se trataria de uma uniformização a qual, a bem da verdade, atrapalha a formação de leitores (p. 43).

A historiadora Vitória Líbia Barreto de Faria, mestra em Educação e atuante na área de formação de professores de educação infantil, é a responsável pelo artigo subsequente: *Memórias de leitura e educação infantil*. Aqui, alguns aspectos abordados no texto anterior são retomados.

Por exemplo, para Vitória Barreto de Faria, “[...] somente aquele que lê e que ama os livros é capaz de formar outros leitores” (FARIA, 2004, p. 57), assertiva que volta a insistir na falta de validade do adágio “faça o que eu digo; não faça o que eu faço”. A autora observa que, por trás de um leitor experimentado, esteve não “[...] discursos, conselhos e preleções sobre a importância da leitura [...]”, mas sim, “[...] práticas reais, sendo o adulto para o aprendiz um modelo de leitor a ser imitado” (FARIA, 2004, p. 57).

E, mais uma vez, a atuação de muitos professores é colocada em cheque. A adoção de estratégias falhas, nada produtoras para a formação de leitores, talvez evidencie o fato de que, muitos docentes do ensino básico, de fato, não são leitores. Uma metodologia tacanha adotada e elencada pela autora é aquela que traz a leitura como uma atividade esporádica, pontuada nos planejamentos semanais dos professores. Ao contrário, a leitura deveria ser trabalhada diariamente e por meio de *links*, pois “[...] uma leitura puxa outra e uma conversa sobre um livro sempre estimula a leitura de outro” (FARIA, 2004, p. 58).

A autora admite o importante papel das instituições de educação infantil na formação de leitores, pelo menos potencialmente, e defende a criação de espaços de fácil acesso às crianças onde elas possam interagir com diferentes tipos de livros e revistas (FARIA, 2004, p. 56).

A organizadora da antologia, Renata Junqueira de Souza (2004), é a responsável pelo quinto artigo, *Leitura e alfabetização: a importância da poesia infantil nesse processo*. Aqui, mais uma vez, apesar de reconhecidas as limitações do ambiente escolar, este é admitido como um “[...] espaço reservado à iniciação da leitura” (p. 63). Isto a despeito dos livros didáticos, produtos pedagógicos e utilitaristas vistos sob a manta de diversas ressalvas (p. 63). Outros desafios são: a precária formação dos professores (p. 65) e, relacionado a este, a inadequação dos livros oferecidos às crianças em fase de iniciação à leitura (p. 64), que além de desestimular o jovem leitor, pode causar estragos maiores, ao afastar a criança dos livros (p. 64).

Souza volta a abordar aspectos elencados no artigo de Ricardo Azevedo, ao propugnar os livros de caráter estético em contrapartida às obras pedagógicas e utilitaristas. Por livro estético entenda-se prosa e poesia, as quais, para a autora, permitem ao leitor “[...] colocar em ação a capacidade de imaginar e ter uma visão mais crítica do mundo” (p. 64). A autora sugere a utilização da poesia na lida para abrir caminhos junto ao leitor em vias de formação (p. 64). Mais especificamente, em um primeiro momento, as cantigas de roda e canções de ninar, muitas das quais de domínio público. Os discentes podem ser convidados a alterar a letra das cantigas, a

partir das rimas originais, e incluir, até mesmo, o seu próprio nome ou o de alguma outra criança da classe em meio aos versos (p. 70). O artigo menciona ainda as adivinhas (p. 72) e os trava-línguas (p. 74), como recurso a ser adotada no trabalho com o primeiro ciclo.

Paralelamente às atividades, as quais valorizam a cultura popular oral e contribuem para o enriquecimento do vocabulário dos jovens (p. 71), recomenda-se a leitura de livros de poesia, sobremaneira os de literatura infantil, nos moldes do “poema do dia”, em um momento estabelecido pelo professor. Os alunos também devem ser convidados a escolher um poema e ler. Um cuidado, no entanto, é crucial: “[...] o poema do dia é somente lido em momento de descontração, e não deve ser copiado ou trabalhado” (p. 75).

Renata Junqueira volta a versar sobre literatura infantil no artigo seguinte, *A leitura da literatura infantil na escola*, assinado em coautoria com a mestra em educação Caroline Cassiana Silva dos Santos. Aqui, a ideia de obra estética, em contraposição ao utilitarismo pedagógico dos didáticos e paradidáticos, volta a ser empregado. A crítica maior é feita aos paradidáticos, os quais, para as autoras, consistem em um tipo de obra que, em seu labor pragmático, “[...] tenta converter a narrativa artística em um artefato de utilidade imediata”, além de que, “[...] muitas vezes, anula a experiência estética, trocando-a por outro tipo de interlocução escrita que afasta as crianças da literatura” (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 82).

Exemplo de cunho estético é a literatura infantil, a qual estimula uma postura reflexiva. Por isso, não se pode prescindir deste gênero em sala de aula. Seria relativamente fácil, não fosse o despreparo de muitos professores, os quais, não raro, sequer possuem o hábito da leitura. Também, como já se disse, são vítimas da precária formação (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 82).

O *modus operandi* verificado nas salas de aula são uma ode à uniformização da leitura. O que se vê,

[...] são textos retirados, geralmente, do livro didático, fragmentos de narrativas infantis que seguem uma sequência de trabalho com poucas alterações: texto, vocabulário, interpretação, gramática, proposta de redação. Tudo é visto de forma homogênea e sob a mesma abordagem, não havendo preocupação em resgatar os conhecimentos e as experiências aprendidos para o estudo de novos conteúdos (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 83-84).

Um melhor conhecimento do acervo literário pelos professores possibilitaria uma reflexão sobre a própria prática profissional (p. 84). A partir desta premissa, as autoras analisam as obras infanto-juvenis *A fada que tinha ideias* (1971), de Fernanda Lopes de Almeida; *O menino que*

aprendeu a ver (1987), de Ruth Rocha e *A casa da madrinha* (1978), de Lygia Bojunga Nunes, sob o prisma das contribuições que cada obra traz para a discussão, metodológica até, sobre o universo profissional dos educadores.

O sétimo artigo, *Leitura de narrativas juvenis na escola*, é de Juvenal Zanchetta, mestre e doutor em Educação e professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. A contribuição de Zanchetta à antologia parte de uma pesquisa realizada junto a alunos das sétima e oitava séries da escola estadual Clybas Pinto Ferraz, em Assis, interior de São Paulo, por ocasião do projeto *Narrativas juvenis na 7ª e 8ª séries: abordagens de leitura e bibliografia comentada*, encetado entre 1988 e 1992 (ZANCHETTA, 2004, p. 93-94).

As entrevistas com os discentes versavam sobre a leitura de duas obras integrantes da coleção de infantojuvenis *Vaga-lume* (ZANCHETTA, 2004, p. 94). Os livros foram: *Menino de asas* (1969), de Homero Homem (1921-1991), e *A ilha perdida* (1944), de Maria José Dupré (1905-1984). O objetivo da pesquisa era a sistematização de “[...] algumas características possíveis da leitura frutiva por leitores iniciantes, a fim de subsidiar o professor para o trabalho com livros de ficção” (p. 94).

Algumas conclusões do trabalho: a recordação posterior das estórias lidas é maior tanto quanto a narrativa é mais linear e encontra-se mais próxima de ilustrações (p. 97). As ilustrações, aliás, mostraram-se imprescindíveis na maior parte dos casos, por ajudar na compreensão do texto (p. 104). Outra constatação foi a supervalorização dos personagens centrais pelos leitores na visualização da narrativa (p. 106). Por fim, o autor indica como critério para sugestão de livros aos discentes, levar em consideração elementos familiares entre a obra e o aluno. Ou seja, o contexto do jovem leitor passa a ser importante na seleção de um livro (p. 107).

O último artigo, *Jogos da infância em Guimarães Rosa: entre a magia e poesia*, de Prazeres Mendes, parte da análise dos contos *A menina de lá* e *A partida do audaz*, de João Guimarães Rosa (1908-1967), publicados no livro *Primeiras estórias* (1962), para tratar do imaginário na narração literária, e de como o escritor trabalha a narração fictícia de modo a esta parecer verdade. Por fim, arremata: “Ao escrever ficção, todo autor tece uma bela e intrincada mentira [...] de modo que sua história seja encarada com seriedade. O autor inventa para perpetuar sua história junto à audiência, para ludibriá-la e fazê-la aceitar sua invenção como algo real” (MENDES, 2004, p. 116).

Prazeres Mendes é doutora em Comunicação e Semiótica e professora de literatura infantil e juvenil na USP e na PUC de São Paulo.

Definitivamente, não será por meio de preleções a respeito do quão bom é ler que se formarão novos leitores. A prática do “faça o que eu digo; não faça o que eu faço” não funciona com os livros. Por isso, falham os adultos os quais insistem no discurso da magia da leitura. Acreditam estar contribuindo com a formação de um novo leitor. Contudo, de nada adiantará o discurso se o adulto não for também um leitor. O exemplo, que irá incitar o jovem, deve ser natural e verídico. Ler deve fazer parte da vida das pessoas que cercam a criança, e não apenas ser um elemento decorativo de discursos politicamente corretos.

No entanto, dramático é notar que, em muitos casos, os pais não são leitores. Pior. Os professores não possuem o hábito da leitura. Talvez por isso, sejam tão inaptos quando o assunto é formar novos leitores. Não raro despreparados, fruto de uma formação precária, os docentes muito se valem de suportes prontos para guiarem as suas aulas. Repetem o que já foi escrito por alguém, em uma cidade longínqua, posto em um livro didático e impresso em uma tiragem acachapante, destinada a uniformizar, tornar rígido o aprendizado onde quer que ele desembarque.

Como se vê, são muitos os desafios para a formação de leitores. Especialmente considerando o fato de que o ambiente escolar, em geral, não tem cumprido o papel que cabe a um potencial aliado.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 38-47.
- COELHO, Nelly Novaes. Apresentação. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 9-10.
- FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Memórias de leitura e educação infantil. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p.50-59.
- LAJOLO, Marisa. Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 12-23.
- MENDES, Prazeres. Jogos da infância em Guimarães Rosa: entre a magia e a poesia. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 112-117.
- SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos; SOUZA, Renata Junqueira de. A leitura da literatura infantil na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 80-90.
- Quaestio, Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, p. 725-732, nov. 2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 26-35.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura e alfabetização: a importância da poesia infantil nesse processo. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 62-78.

ZANCHETTA, Juvenal. Leitura de narrativas juvenis na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 92-110.

Tiago Eloy Zaidan - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. João Pessoa | PB | Brasil. Contato: eloyzaidan@gmail.com